

Jogos de Cenas a partir de Mapas Espectrais-Gramaticais

Márcia Maria Bento Marim³⁷⁹

RESUMO

Este artigo traz algumas considerações tecidas na nossa pesquisa, que partiu da constatação da longevidade de práticas mobilizadoras de rastros de significação de práticas de ensino de matemática escolar sugeridas pelos Atividades Matemáticas (AM – SEE/CENP/SP). Orientados por uma atitude metódica de caráter terapêutico-desconstrucionista e inspirados nos espectros citacionais de dois filósofos – Ludwig Wittgenstein e Jacques Derrida – tivemos o propósito de mobilizar alguns excertos de nossa pesquisa, a fim de trazer para a discussão no campo de pesquisa historiográfica em educação matemática a noção de *performance* em encenações narrativas da linguagem. No modo como mobilizamos tais excertos, a linguagem é entendida como ação, ou seja, os jogos de linguagem são vistos como *jogos de cenas* ou *encenações da linguagem*. Apresentamos uma possibilidade de descrição na forma de mapas espectrais-gramaticais (mapas EG). Os mapas EG se constituíram em instrumentos facilitadores para a descompactação das camadas de significação identificadas nas encenações narrativas de eventos efetivos para depois mobilizá-las em jogos de cenas e, então, submetê-las, quando possível e necessário, à terapia desconstrucionista.

Encenação narrativa: enquanto performance da linguagem

A constituição de *jogos de cenas* em um estilo dissertativo-acadêmico constitui o propósito central de textos/pesquisas que não mais imaginam que se possam adentrar em algo além ou independente de práticas de *performance* da linguagem. Nesse entendimento, trouxemos para este artigo uma prática de escrita que, sob uma perspectiva wittgensteiniana, concretiza uma possível conciliação da noção derridiana de iterabilidade com a noção austiniana de performatividade (MCDONALD, 2001).

O teórico Henry McDonald, professor de graduação e pós-graduação da Universidade de Oklahoma, nos Estados Unidos da América, pronunciou-se, do seguinte modo, a respeito da noção de iterabilidade repetitiva e performática em encenações narrativas:

[a nossa noção de iterabilidade] preserva o insight de Derrida de que a linguagem é um processo temporal, cujo significado é ao mesmo tempo repetitivo e singular, mas também amplia a compreensão dessa tal temporalidade vendo a distinção entre as características repetitivas

³⁷⁹Mestranda da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (FE – UNICAMP) pelo Programa de Pós-Graduação Multiunidades em Ensino de Ciências e de Matemática (PECIM). Email: benmar.t@hotmail.com.

e singulares da linguagem como uma variável contingente sobre atos de iteração em práticas discursivas particulares. [...] Uma vez que a linguagem é um fenômeno temporal, no sentido em que ela não meramente se limita a transmitir informações, mas também, performa atos linguísticos em jogos de linguagem, isto é, em práticas discursivas em processo, assim também, a ficção não se limita a recontar acontecimentos em histórias, mas também, *performa* os atos de contar histórias em atos narrativos [...]. (MCDONALD, 2001, p.35, tradução e grifo nosso)

A teoria dos atos da fala desenvolvida, primeiramente, por John L. Austin e, consecutivamente, por John R. Searle, proporcionou um campo promissor para o entendimento *da linguagem enquanto performance*. Os escritos de Austin, embora com rastros epistemológicos kantianos e estruturalistas de princípios abstratos, analíticos e semióticos, trouxeram uma nova abordagem para a linguagem, concebendo-a *como ação* cuja significação é dependente do contexto em que se pratica a linguagem (McDonald, 2001). Isso também mudou o foco das preocupações linguísticas tradicionais com a estrutura e com os elementos formais da linguagem para aquele relativo às intenções do falante [autor/narrador], aos seus efeitos de audiência e à análise do contexto social específico de cada fala/escrita (CARLSON, 2009).

Os *jogos de cenas* em pesquisas historiográficas constituídas sob uma perspectiva wittgensteiniana mantém semelhanças de família tanto com a noção de performance, inspirada em Austin e Searle, quanto com a de iterabilidade cunhada por Jacques Derrida. Entendemos a iterabilidade derridiana como a remissão que um autor faz a outro autor ou o uso que um autor faz de outros, através da citacionalidade – explícita ou não, direta ou indireta – em uma encenação qualquer da linguagem, isto é, rastros dos rastros ou citações de citações (DERRIDA, 1994; WOLFREYS, 2012).

Considerando a ênfase de Austin de que “a teoria dos atos da fala [deve se envolver] não [apenas] com as intenções, mas com os efeitos,” (Carlson, 2009, p.83) vemos a linguagem ou, mais precisamente, os jogos de linguagem, como ‘performativos’ porque, com base em Wittgenstein, eles podem ser vistos como *jogos de cena*, ou seja, como jogos de ações corporais (Wittgenstein, 1975; Miguel 2011 e 2012). Então, esse é o nosso modo de entender a linguagem enquanto *performance*, isto é, vista como *encenação narrativa*, incluindo seus efeitos e que chamamos também de *ato narrativo* (MCDONALD, 1994 e 2001).

McDonald (1994 e 2001), inspirado e referenciado por Wittgenstein, vê o ato narrativo como o diferencial modulado pela cultura e que não está sujeito a ser explicado por ela, o que implica ‘ver’ o fato, o contar o fato e a escrita do fato como jogos de linguagem diferentes, possibilitados por contextos diferentes. Assim, o estatuto de veracidade ou não de uma narrativa histórica não está atrelado às explicações causais, indiciárias e epistemologicamente construídas a partir da narrativa, e sim ao estatuto alcançado pela própria narrativa histórica que a traz devido ao seu alcance performativo, o que significa reconhecer, no ato narrativo, a natureza situada de nossas ações e a parcialidade de nossas perspectivas devido a nossa autolimitação e enraizamento cultural.

Nesse campo de entendimento, a ficção das encenações narrativas não é vista ou conformada no modelo clássico de oposição binária que se costuma estabelecer entre ‘o ocorrido de fato’ e ‘o não ocorrido’, ou entre ‘o real’ e ‘o imaginário’, ou ainda, entre ‘a verdade’ e ‘a falsidade’. Trata-se de um modo de ver ficcionalidade, filiada a uma perspectiva pós-epistemológica, que traz rastros wittgensteinianos tensionados e recompostos de rastros derridianos.

Nesta tensão de ecos citacionais derridianos e wittgensteinianos, desafiamos o poder da imagem da história como ciência empírico-verificacionista. Levando tal poder da imagem da história ao divã da terapia desconstrucionista e filiando-se a um entendimento pós-cético wittgensteiniano, fazemos uso dos jogos de cenas subsidiados por mapas espectrais-gramaticais (mapas EG) acenando para uma possibilidade de abrangência a poderes indisciplinados ao discurso ficcional nas *encenações narrativas historiográficas* (Miguel, no prelo).

Nos jogos de cenas o *ato de narrar é entendido como ação* (McDonald, 2001; Miguel 2011; 2012) e poderia ser comparado ao modo de ver a *performance* de uma dança, na qual ‘o dançarino, o dançar e a dança’ pareceriam distintamente na performance (McDonald, 2001), porém, imbricados compositamente na ação. Nesse sentido, os **jogos de cenas** são considerados atos narrativos vistos além de seu conteúdo, porque apresentam a ação de um [ou mais] narrador ou performer. Eles permitem, de forma factual, “deixar tênue e difusa a linha de demarcação entre jogos efetivos e jogos fictícios de linguagem.” (Miguel, 2011, p.276).

Após ter apresentado rastros dos esclarecimentos autorais ou citacionais nos quais nos referenciamos para a constituição dos jogos de cenas a partir dos mapas EG, passamos a apresentar alguns fragmentos das encenações narrativas que foram constituídas para o texto final de nossa pesquisa, *AM[OU]: um estudo terapêutico-desconstrucionista de uma paixão* (Marim, 2014). O objetivo destes fragmentos será o de apresentar alguns excertos de nossa prática de pesquisa constituída numa atitude metódica de caráter terapêutico-desconstrucionista, inspirada nos modos de filosofar de Ludwig Wittgenstein e Jacques Derrida, a fim de mobilizar no campo de pesquisa historiográfica noção de performance em encenações narrativas da linguagem e submeter discursos exclusivistas ao divã da terapia desconstrucionista.

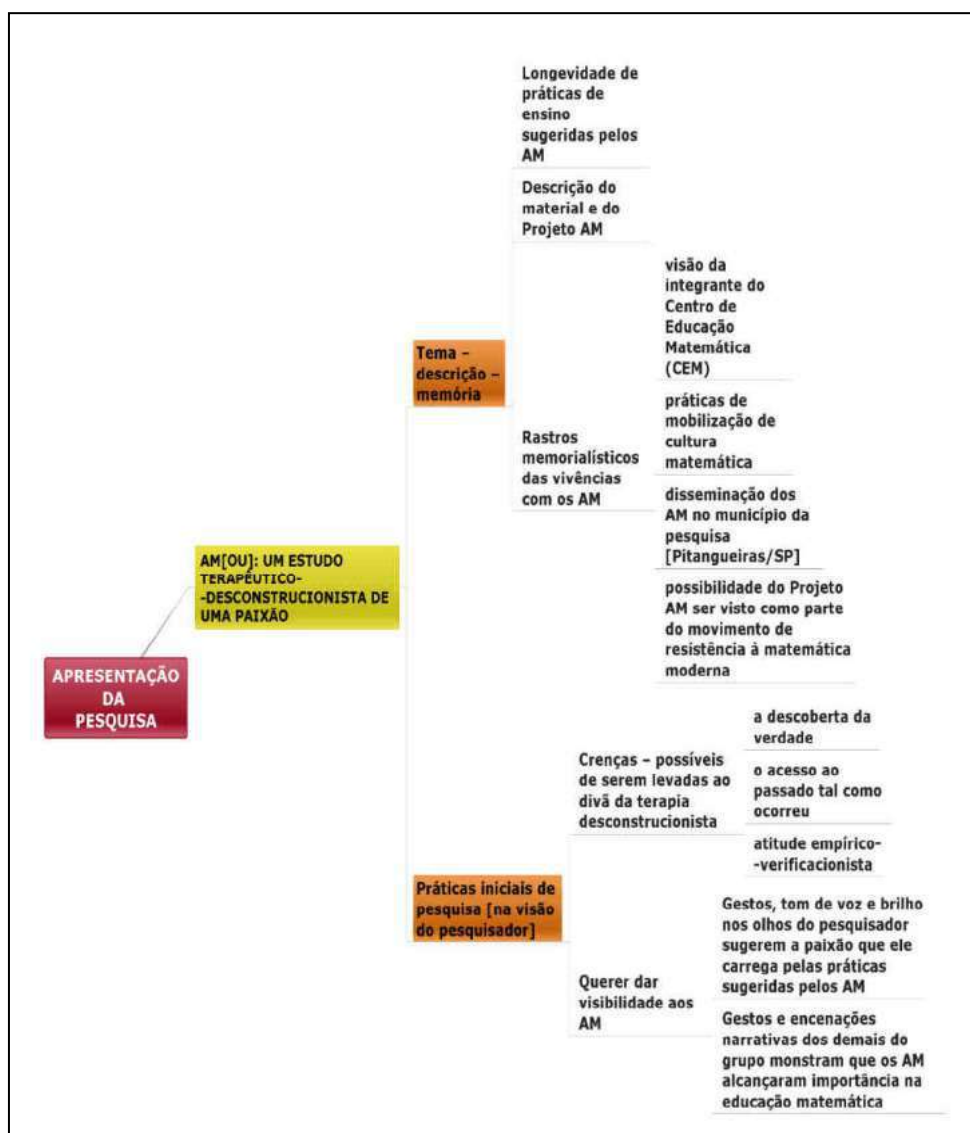


Figura 1 – Mapa EG da gravação e filmagem da apresentação do projeto de pesquisa realizada numa das dependências da FE – UNICAMP/SP.

A escrita do jogo de cenas a seguir toma como referência memorialística a ocorrência efetiva da apresentação do nosso projeto de pesquisa para um dos grupos de pesquisa da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). A apresentação foi filmada, gravada e, posteriormente, descrita na forma de mapa EG – figura 1 –, que mobilizou a escrita do jogo de cenas.

As falas das personagens que trazem crenças ou situações que necessitaram ser submetidas à terapia desconstrucionista e ser, posteriormente, revistas por terem se deixado enfeitiçar por jogos empírico-verificacionistas de linguagem foram escritas na fonte Courier New.

Excerto do Jogo de Cenas: autoterapia

Maria: *(fala com a voz um pouco trêmula):*

— Bom dia a todos! Eu tenho como objetivo apresentar meu projeto de pesquisa em nível de mestrado. Meu conhecimento profissional está, sobretudo, pautado em minha prática em sala de aula, tanto como professora das séries iniciais, quanto como professora de matemática de ensino médio. E pelo fato de me identificar mais com a matemática das séries iniciais, minha pesquisa diz respeito da longevidade de práticas de ensino sugeridas pelo material Atividades Matemáticas (AM).

Teresa *(mostrando curiosidade, pergunta para Maria):*

— Maria, o que é esse AM? Nós que somos de outro estado nunca ouvimos falar nesse material.

Maria *(pega um dos livros sobre a mesa, mostra e responde):*

— Teresa, eu trouxe aqui um exemplar. Foi um material elaborado pela equipe técnica de matemática da CENP/SP, na década de 1980, com atividades matemáticas direcionadas ao trabalho em sala de aula do professor de 1ª a 4ª série.

Elaine *(entra na conversa com outras informações):*

— Uma vez eu fui numa formação na Delegacia de Ensino – era assim que era chamada, na época, o que hoje é chamado de Diretoria de Ensino da rede estadual paulista –, um dos autores dos AM – o Ruy Pietropaolo – estava lá e disse que havia uma promessa de reedição dos EM e AM.

Maria e Elaine *(as personagens conversam enquanto os demais acompanham atentamente):*

— Então, Elaine, os AM são os ‘Atividades Matemáticas’ – 1ª a 4ª série – e os EM são os ‘Experiências Matemáticas’ – 5ª a 8ª série.

— Isso mesmo, Maria... então, foi elaborada a nova proposta curricular para a rede estadual, em 2008, mas os AM não foram reeditados.

— Então, Elaine... é um material muito bom. Eu não sei o porquê não foi reeditado. Essa é uma das verdades que quero descobrir.

Teresa (*interrompe a conversa de Maria e Elaine*):

— Então, Maria, eu não conheço bem esse material, mas acredito que nessa mesma época, no estado do Rio de Janeiro e outros estados, também tiveram iniciativas de produção de materiais escritos direcionados ao trabalho do professor em sala de aula. Mas eu coloco para você: descobrir a verdade que você quer, caberia numa pesquisa positivista, na qual o pesquisador *acredita estar descobrindo coisas ou revelando a verdade*. Mas eu te pergunto: qual a garantia desse estatuto de verdade? Ainda, qual a finalidade de descobrir essas supostas verdades?

Maria (*pensa por um pequeno instante e responde para Teresa*):

— Bom, eu não sei lhe responder isso, mas eu penso que há um passado a descobrir e para mim é muito importante esse resgate histórico de como o material foi feito e apropriado pelos professores no meu município, mas isso eu ainda não sei te responder.

Teresa (*interpela Maria*):

— Resgate histórico? Você precisa pensar: é possível trazer o passado para o presente? É possível esse resgate, tal como ocorreu naquela época?

Maria (*responde com convicção*):

— Mas se o passado existiu, por que não posso pesquisar nas fontes e resgatá-lo?

Teresa (*fala em tom brando*):

— Existiu! Reflita a esse respeito: a memória de um passado que existiu não estaria para nós como um baú de fontes ou de recordações disponíveis ou menos disponíveis para um possível acesso ou resgate do passado, mas sim como práticas para um acesso ao próprio presente que é constantemente recomposto de rastros de significações constituídas nesse presente moduladas pelas vivências passadas, presentes e futuras.

Maria (*pensativa, retoma a apresentação da pesquisa*):

— Eu trouxe aqui uma pequena filmagem de uma cena em sala de aula, para mostrar para vocês que os professores de Pitangueiras/SP utilizam os livros dos AM para preparar suas aulas.

Ione (*interrompe*):

— Maria, eu vou te confessar uma coisa, eu nunca pensei que teria um dia saudades dos AM e dos EM. Isso porque, no Centro de Educação Matemática (CEM) da UNICAMP, na época, nós fazíamos uma crítica aos AM: o professor participava pouco! Tudo já vinha pronto, tudo era transformado em atividade! Não é que essa crítica desapareceu ou deixou de valer, mas como o AM era um material desenvolvido por gente que estava na escola, ou até recentemente era professor da escola básica e depois foi chamado para a CENP/SP, vejo que não tiravam as atividades do ‘bolso do colete’.

Maria (*acena gestualmente, concordando*):

— Sim, professora Ione, foi um trabalho feito por gente da CENP/SP e que estava com os pés na escola básica, como a professora Célia Maria Carolino Pires, o professor Ruy César Pietropaolo, o professor Vinício de Macedo Santos, dentre outros. E lá no meu município, a meu ver, é muito forte esse trabalho com os AM e o uso de materiais manipulativos. Penso que o uso excessivo destes materiais precisa ser repensado. Bom, vou colocar um vídeo para vocês verem um recorte de como essa crença na efetividade de materiais manipulativos é forte lá em Pitangueiras/SP.

[...]

Trouxemos na página seguinte uma descrição gramatical do vídeo apresentado na efetividade da apresentação do projeto de pesquisa em questão.

A descrição espectral-gramatical presente no mapa EG – figura 2 –, como naquele que mobilizou o *Jogo de cenas autoterapia* não foi referenciada, deste modo apresentaremos mais um excerto dos jogos de cenas do texto da nossa pesquisa. As vozes das duas personagens seguintes estão identificadas: Labirinto (falas marcadas em itálico e pela letra *ℒ*) e o Autor (pela letra A). A encenação narrativa a seguir tende a possibilitar um entendimento econômico conclusivo do modo como mobilizamos os mapas EG na nossa pesquisa e, consequentemente, neste artigo.

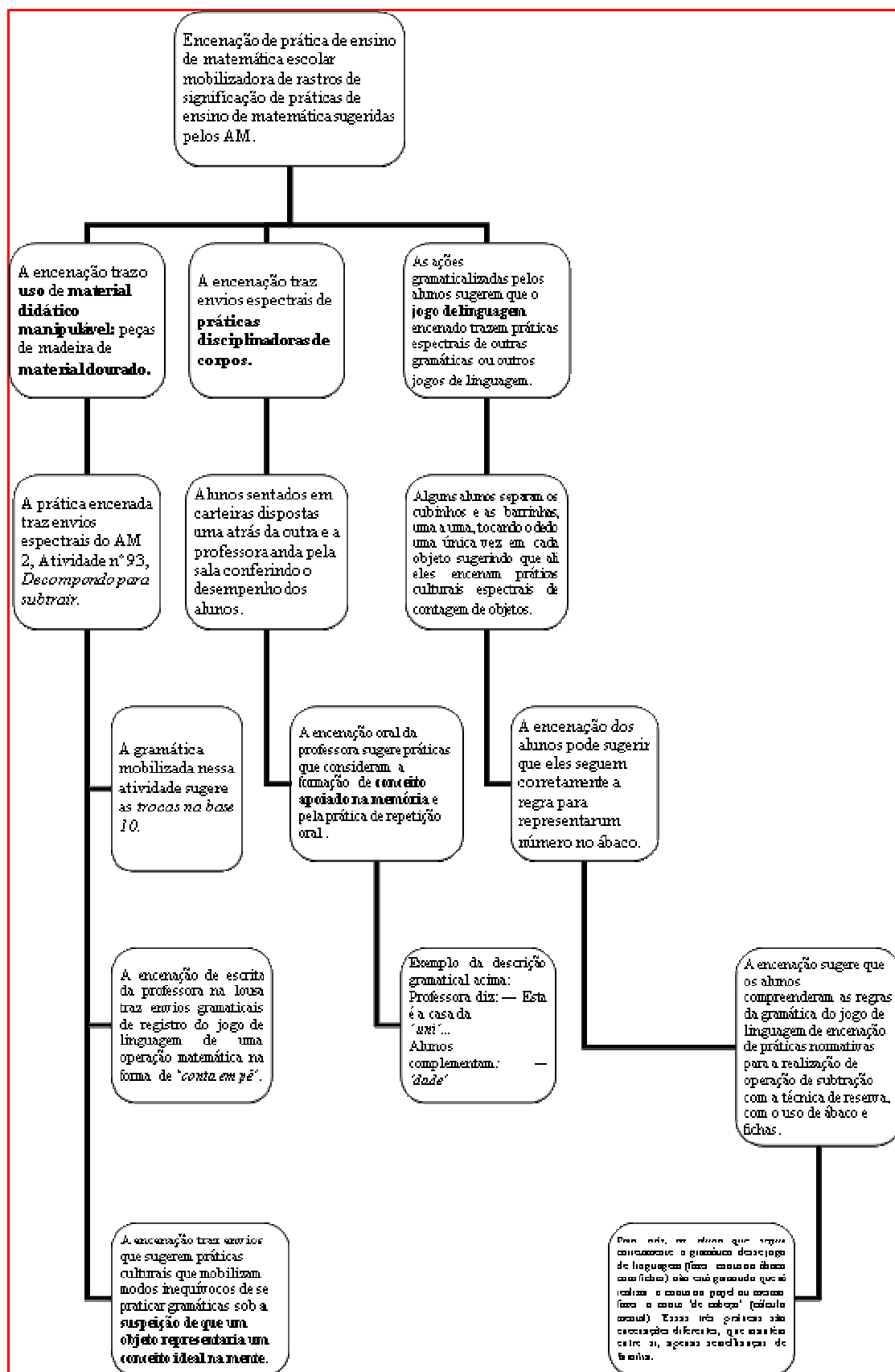


Figura 2 – Mapa EG de uma filmagem feita numa sala de aula em uma escola de Pitangueiras/SP

Fonte: Marim, 2014 (adaptada)

Jogo de cenas: O Labirinto e o autor

ℳ — *Não consigo me conter. Sou um labirinto muito impetuoso. Preciso interromper a escrita de seu artigo. Você fala em descrição espectral-gramatical do vídeo. Isso não me parece comum! Como você pratica essa descrição?*

A — Sim, vou parar e saciar sua curiosidade sobre a descrição do vídeo. O que tenho visto nas pesquisas em Educação Matemática, as quais trazem entrevistas com professores ou filmagens de cenas em salas de aula, é a transcrição das falas, na qual o pesquisador [ou uma terceira pessoa] ouve as falas e as transcreve. Após a transcrição literal, ‘limpam’ [ainda que nem sempre] as marcas de oralidade [retiram o excesso de ‘aí’, ‘é’; retiram as repetições desnecessárias]. Há pesquisas em que as falas aparecem posteriormente textualizadas e/ou transcritas. Essas são as três fases, segundo Meihy (1995) – transcrição, textualização e transcrição –, em pesquisas que se realizam sob a perspectiva da **História Oral**. Eu poderia ter realizado esse processo para que o leitor pudesse compreender do que se tratava a cena do vídeo; mas, eu preferi um modo alternativo, inspirado numa prática terapêutica-desconstrucionista. Essa não me permite deixar de referenciar que busquei a partir dos estudos da metodologia de História Oral a inspiração para um modo opcional e que de forma alguma pretende contradizê-los.

ℳ — *Você usa a descrição espectral-gramatical na forma de mapas EG como uma **alternativa** à transcrição já tão naturalizada nas pesquisas que lidam com entrevistas ou cenas filmadas em salas de aula?*

A — Sim. Eu encontrei nos mapas EG uma **forma opcional** – porém, ancorada no referencial wittgensteiniano/derridiano – de *descrever gramaticalmente* aquilo que está exclusivamente manifesto na encenação das ações corporais situadas de alunos e professora e não meramente aquilo que é estritamente *dito* na encenação e, muitas vezes, *agramaticalmente transcrito* pelo pesquisador. Desse modo, um mapa EG não pode ser visto como uma descrição que representa fielmente o que é estritamente dito e/ou visto no vídeo e muito menos como uma descrição que procurasse distorcer o que é dito e/ou ouvido, mas sim, como uma descrição contextual situada de rastros espectrais de regras gramaticais que, possivelmente, estariam orientando as ações ou práticas culturais espectrais, no caso, de professora e alunos no vídeo. Descrição, esta, que se preocupa com a questão cênica, com o corpo gramaticalizado em ação e sob a ação de

espectros de práticas culturais realizadas em contextos espaço-temporais diversos; que se preocupa, portanto, com os jogos de linguagem nos quais se envolvem os corpos em ação, e não com uma transcrição supostamente neutra – supostamente fiel ou infiel – das falas. Penso que saciei sua curiosidade, mas fique tranquilo, que esse processo de elaboração e uso dos mapas espectrais poderá mais bem entendido em outras encenações narrativas da pesquisa: *AM[OU]: um estudo terapêutico-desconstrucionista de uma paixão*.

Os excertos dos jogos de cenas apresentaram o modo como entendemos a descrição gramatical constituída num mapa EG. Apresentamos uma possibilidade de descrição gramatical-espectral que facilita, a nosso ver, a descompactação das camadas de significação identificadas em encenações narrativas de eventos efetivos, sejam elas: uma apresentação de um projeto, uma filmagem de uma prática de mobilização de cultura matemática escolar, uma entrevista; enfim uma possibilidade que pode facilitar a constituição de jogos de cenas ou quaisquer outras encenações narrativas de práticas de pesquisas historiográficas que levam em conta o caráter performativo da linguagem.

Referências bibliográficas

CARLSON, M. A. **Performance**: uma introdução crítica. Tradução de Thais Flores Nogueira Diniz e Maria Antonieta Pereira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

DERRIDA, J. **Espectros de Marx**: o Estado da dívida, o trabalho do luto e a nova Internacional. Tradução de Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

MARIM, M. M. B. **AM[OU]: um estudo terapêutico-desconstrucionista de uma paixão**. Dissertação de mestrado. UNICAMP/FE.– Campinas, SP, 2014.

MCDONALD, H. **The narrative act**: Wittgenstein and narratology. **Surfaces Revenue électronique**, v. IV, 1994. Disponível em: <<http://www.pum.umontreal.ca/revues/surfaces/vol4/mcdonald.html>>. Acesso em: 14 out. 2013.

_____. Narrative Theory and Cultural Studies. **Telos journal**. v. 2001, nº121, p. 11-53, 2001.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 1995.

MIGUEL, A. Vidas de professores de matemática: o doce e o dócil do adoecimento. In: GOMES, M. L. M.; TEIXEIRA, I. A. C.; AUAREK, W. A.; PAULA, M. J. (orgs.).



Viver e Contar: experiências e práticas de professores e Matemática. São Paulo: Livraria da Física, 2011. p. 271–309.

_____. **A pesquisa historiográfica sob uma perspectiva wittgensteiniana.** In: Encontro Nacional de Pesquisas em História da Educação Matemática, 1., Vitória da Conquista, BA: UESB, Anais eletrônicos, v. 1, 2012. Mesa redonda. 1 CD ROM.

_____. **Historiografia e Terapia na cidade da Linguagem de Wittgenstein.** Artigo baseado em apresentação oral realizada no XI ENEM, em Curitiba, PUCPR, Mesa Redonda História da Educação Matemática: o que a filosofia tem a ver com isso? Ano 2013 – no prelo.

WHOLFREYS, J. **Compreender Derrida.** Tradução de Caesar Souza. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

WITTGENSTEIN, L. **Investigações Filosóficas.** Tradução de José Carlos Bruni. São Paulo: Abril Cultural, 1975. Coleção Os Pensadores.